

Palme

PALME, orago Santo André, era uma vagararia da apresentação do abade do mosteiro beneditino desta freguesia.

Palme vem, segundo o P.^e António Gomes Pereira, do genitivo *palmae* da palavra latina *palma*, a palmeira.

Os peregrinos da Terra Santa traziam um ramo de palmeira quando recolhiam à sua pátria, em sinal de terem acabado a sua peregrinação ou romaria.

Em Portugal (Lisboa e Porto) havia *Hospitais de Palmeiras* para recolherem por alguns dias os peregrinos que iam ou vinham não só da Terra Santa, mas de Santiago de Compostela e doutros santuários do cristianismo.

Aos peregrinos da Terra Santa, por o sinal que traziam, chamavam-lhes *palmeiras* e às terras onde fixavam a sua residência, *Palmeira*, *Palma* ou *Palme*.

Nas Inquirições de 1258, se diz: *in Judicato deNevia* Item *in Monasterio de Palmi*, que do Couto desse devandito Moesteiro davam al Rey cada ano 23 maravedis; et leixou ao Moesteiro 3 maravedis, et Sancto Jacobo et Sancto André, que jazem in esse Couto, 1 maravedi, et dam os deste davandito Couto cada ano ai Rey 19 maravedis: et vam ao Castello.

A freguesia de S. Salvador de Palme, curada pelo mosteiro, que se compunha do mosteiro, do lugar de Trás e do de Bustelo, foi anexada em 1834 à de Santo André de Palme.

O mosteiro de Palme é de fundação anterior à da nacionalidade portuguesa.

Palme, dizem, era uma quinta pertencente a um fidalgo chamado Lovezendo, filho de Sazi, o qual edificou nela um convento pelos anos de 1029, fazendo-lhe amplas doações de rendas para sustento dos monges beneditinos que ali meteu.

Este convento, com as doações que recebeu posteriormente, .foi um dos mais ricos deste sítio.

Pelo decorrer, porém, dos tempos entrou na sua administração a *praga* dos Comendatários que, como em todos os conventos por que passou, o empobreceu.

O último Comendatário deste convento foi D. João de Portugal, bispo da Guarda, que daqui levava todos os anos quinhentos e tantos mil reis, quantia avultada naqueles tempos.

Pela reforma de 1575 voltou o convento de Palme aos monges beneditinos, que nele meteram Prior, tomando o título de Abade em 1588, por falecimento daquele Comendatário.

Tão pobre voltou, porém, este convento para os beneditinos e tão sobrecarregado de obrigações que apenas podia alimentar meia dúzia de monges, número que contava à data da sua extinção, em 1834.

Este convento, como mosteiro beneditino, tinha seu couto e o direito de apresentação nas igrejas de São Bartolomeu do Mar, Santa Marinha de Forjães, Santo André de Palme, Santiago de Aldreu e Santo André de Teivães.

O edifício do convento e grande cerca, desamortizados dos bens eclesiásticos e incorporados nos bens

Nacionais, foram arrematados pela família Moniz de Moncorvo.

Possuía este mosteiro uma boa livraria, há poucos anos adquirida por um livreiro de Lisboa, que a vendeu em 1915 naquela cidade por uma quantia importante.

Surgiram dúvidas em 1906 se o convento de Palme pertencia à freguesia de Santiago de Aldreu ou à de Santo André de Palme, mas por sentença do Tribunal Eclesiástico de Braga, de 14-1.º-1929, deixaram de existir essas dúvidas, sendo decidido que o convento pertence eclesiasticamente a esta última freguesia.

O edifício do convento acha-se bastante deteriorado.

Existem neste convento ainda muitos quadros a óleo.

No seu portão de ferro de entrada vê-se um escudo dos FONSECAS MONIZES e CASTROS coberto com um chapéu eclesiástico.

Em frente a este portão foram construídos dois lanços de escadas de pedra que dão acesso a um patamar com seu alpendre que é hoje a entrada principal do edifício do antigo convento.

Por baixo desse patamar, aberto na parede, está um interessante fontenário onde foi colocado um lindo pórtico manuelino que, dizem-nos, era o antigo pórtico da igreja deste convento.

No portal que dá para o chamado quintal tem na verga a data 1622.

Na cerca ainda existem grandes tanques, fontenários e pedras dispersas bem lavradas, a indicar a opulência deste mosteiro.

Ao lado norte da Capela acha-se o Lagar de Azeite para onde a água vem em caleiras de pedra suspensas em altas colunas.

O arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão, na sua visita pastoral em 1792, de Belinho, Esposende, veio

para o convento de Palme, aonde se demorou dois dias. Daqui foi para o de Carvoeiro, Viana do Castelo.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia está no centro de um adro cercado por parede com quatro pilastras na frente, terminadas por grandes bolas de granito.

Na sua fachada abre-se por cima de uma arquitrave um pequeno nicho onde está a imagem disforme em pedra do padroeiro Santo André, tendo na peanha a data 1725.

Esta imagem pequena, representando um homem anão, devia ter pertencido ao edifício antigo desta igreja, com certeza mais pequena e baixa.

Ao lado esquerdo do actual edifício, a facear com a fachada, ergue-se a torre, alta e quadrangular, para os sinos.

Do lado direito, na parede exterior da capela da Senhora do Perpétuo Socorro e Santo António, lê-se a seguinte inscrição: «ESTA CAPELA DE SANTO ANTÓNIO MANDOV FAZER ANTÓNIO DE SÁ PALME P.^a ELE E SEVS DESCENDENTES 1743».

A seguir a esta capela, junto à capela-mor, está a sacristia.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, ostentando no centro a imagem do padroeiro, as paredes revestidas a azulejo moderno e o altar com retábulo antigo.

O corpo da igreja é também forrado a madeira pintada, tendo cinco altares laterais, três antigos e dois modernos.

Ao lado direito abre-se a capela da Senhora do Perpétuo Socorro, forrada a estuque, com altar moderno. No sanefão que ornamenta o seu arco, tem a data 1876.

Esta igreja tem coro, púlpito antigo e baptistério com pia lisa e simples de granito.

Encontra-se nesta igreja uma cruz de prata florenciada antiga.

Ao lado direito, separada apenas pelo adro, ergue-se a *Residência Paroquial* de muito boa aparência e do lado 314

esquerdo, nas mesmas condições, foi construído o *Cemitério Paroquial*, em cujo portão se vê a data 1909.

Antes da construção deste, enterrava-se no adro, vendo-se ainda muitas sepulturas com tampas de pedra, onde se lêem os respectivos epitáfios.

Em um terreiro em frente à igreja, ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*, belo exemplar. Em cima de um patamar com quatro degraus, eleva-se uma coluna enxaquetada e estriada, com base bem lavrada e capitel coríntio com uma grande bola de granito em que assenta a cruz.

Esta freguesia esteve muitos anos unida à dos Feitos, sendo então conhecida por Palme e Feitos.

Nos fins do século passado deu-se a desunião das duas freguesias, voltando os Feitos a constituir freguesia independente.

Em Palme há as seguintes capelas:

Capela da Senhora dos Remédios, no lugar de Brivães, pequenina, antiga, é pública.

Capela da Senhora dos Aflitos e Boa Fortuna, pequenina, mais um nicho de alminhas, com seu alpendre suspenso em duas colunas e fechado por grades de ferro, é pública.

A *Capela do Convento de Palme*, é pequena, formada hoje apenas pela capela-mor e parte do corpo da igreja, vendo-se bem que foi cortado transversalmente e feita uma nova frontaria de estilo simples e singelo.

No alto da sua fachada, por cima da janela que dá luz ao coro, ostenta o escudo com as mesmas armas que se vêem no portão do terreiro.

Dentro a capela-mor é em abóbada de pedra artesoadada, com florões nos fechos, e o seu altar com retábulo antigo em estilo renascença.

O corpo da igreja é forrado a madeira pintada. No arco cruzeiro, apontado, vê-se o mesmo brasão já des-

crita. Ao lado esquerdo está um altar antigo coberto por um alpendre suspenso em duas colunas, tudo em rica talha doirada, estilo barroco.

Informam-nos que este altar veio de Beiriz e que para aqui foi trazido pelo Dr. Carlos Felizardo, que foi abade daquela freguesia.

Do lado direito ergue-se o mausoléu em mármore onde repousa o 1.º Barão de Palme.

Tem este mausoléu a seguinte inscrição: «AQVI JAZ JOSÉ MARIA FONSECA MONIZ BARÃO DE PALME BRIGADEIRO DO EXERCITO NASCEU A 20 DE DEZEMBRO DE 1794 E FALECE V EM LISBOA A 20 DE DEZEMBRO DE 1862. EM TESTEMUNHO DE SAVDADE FRATERNA ».

A seguir a este mausoléu estão as duas sepulturas do Dr. Carlos Felizardo da Fonseca Moniz e a de sua irmã D. Maria Angélica da Fonseca Moniz, primeira proprietária leiga deste convento.

Esta capela tem dois coros, um lateral, e pertence aos proprietários do convento.

A freguesia de Palme tem dois cruzeiros, um junto à capela da Senhora dos Remédios e outro à da Senhora dos Aflitos.

Existem ainda as seguintes *Alminhas*: as da Granja, as da Cruz e as da Agrela.

Esta freguesia, situada em planície, na bacia orográfica do Neiva, é fertilizada por dois ribeiros, que nascem aqui e são afluentes daquele rio Neiva: o do Cerquido e o da Aldeia.

É servida pela estrada que da Barca do Lago, freguesia de Gemezes, Esposende, vai até à Estação de Barroselas dos Caminhos de Ferro do M. e D., atravessando aqueles ribeiros em duas pontes de pedra.

As suas fontes públicas são: a de Brivães, a de Fontão, a do Pedro, a de Goldrez, a de Sobreiros, a do Ou-

teiro, a de Cerquido, ; a de Paninhos, a de Paio, a do Rego e a da Lameira.

Esta freguesia confronta pelo norte com a de Aldreu; pelo nascente com a de Fragoso; pelo sul com a dos Feitos e a de Vila Cova e pelo poente com as de Vila Chã e de Forjães, do concelho de Esposende.

A sua população segundo o Censo da População de 1527= o mosteiro, couto de Palme e freguesia = era de 90 moradores; no século XVII a freguesia de Palme (1) era de 147 vizinhos; no século XVIII era de 120 fogos; no século XIX era de 646 habitantes e actualmente é de 779 habitantes, sendo 336 varões e 443 fêmeas, sabendo ler 162 homens e 53 mulheres, havendo pois 564 analfabetos.

Esta população encontra-se distribuída pelos seguintes lugares habitados: Poço, Sobrinho, Cruz, Outeiro, Aldeia, Granja, Sobreiral, Sobreiros, Eirado, Souto, Covinha, Pombal, Igreja, Trás o Mosteiro, Mosteiro, Brivães, Saial, Goldres, Caguideiro, Roça, Bustelo, Pontão, Cerquedo, Corgas, Campenhos, Peitada, Novais e Paranhos.

As suas casas mais importantes são: a do Calvário, a do Eirado, a do Corgas, a do Mouco e a do Mosteiro.

Tem esta freguesia Escola Oficial de um lugar, que funciona em edifício próprio, 3 lojas de comércio e Caixa do Correio.

A sua indústria exerce-se apenas em alguns moinhos de farinar, alguns engenhos de serrar madeira e um lagar de azeite.

Deu esta freguesia o título a um baronato: o baronato de Palme.

(1) *Parece que S. Salvador de Palme estava anexa à de Santo André - Vide Corografia do P.e Carvalho, pág. XXIX, vol. I.*

Foi 1.º Barão de Palme o Brigadeiro *José Maria da Fonseca Moniz*, nascido em Moncorvo aos 20 de Dezembro de 1794, filho de Francisco José Nunes da Fonseca Moniz e de D. Ana Maria Madureira Torres.

Fez este oficial toda a campanha peninsular e, regressando à Pátria, teve de emigrar em 1828 por ser contrário ao governo de D. Miguel.

Embarcando de Inglaterra para os Açores, entrou aí em vários combates e foi um dos bravos do Mindelo.

Nas guerras civis ficou ferido na batalha da Ponte Ferreira e na acção das linhas de Lisboa.

Foi agraciado com o título de Barão de Palme por decreto de 2 de Junho de 1851.

Faleceu a 20 de Dezembro de 1862 e jaz na capela do convento de Palme, no túmulo acima referido.

Casou em 29 de Novembro-de 1816, com D. Maria Clementina Leite de Oliveira e houve deste consórcio uma filha *D. Gertrudes Ermelinda Moniz*, casada aos 22 de Setembro de 1850 com José Coelho Cardoso de Moraes Pessoa.

Esta senhora foi a 2.ª Baronesa de Palme por decreto de 18 de Fevereiro de 1852.

O brasão do 1.º barão de Palme é o seguinte: escudo esquartelado — no 1.º as armas dos FONSECAS; no 2.º as dos MONIZES; no 3.º as dos CARDOSOS e no 4.º as dos COELHOS, coroa de barão.

O 1.º Barão de Palme teve dois irmãos clérigos que muito se distinguiram: um foi *D. António Bernardo da Fonseca Moniz*, bispo do Porto, falecido em 1859, a quem nos referimos mais circunstanciadamente em «Espozende e o seu concelho», na freguesia de Gemezes, e o outro foi o *Dr. Carlos Felizardo da Fonseca Moniz*, abade de Beiriz, do conselho de Sua Majestade, Desembargador da Relação Eclesiástica de Braga, Deputado em

várias legislaturas, nascido em Moncorvo em 1797 e falecido em Palme aos 2-XII-1880.

Aparecem ainda vestígios da fixação de povos romanos e pré-romanos em território desta freguesia.

Para memorar esses vestígios existe a uns cem passos ao sul do mosteiro, dentro da sua cerca, um obelisco, tendo em uma das suas faces a seguinte inscrição:

«AQUI E NO. MONTE DO CRASTO À INDÍCIOS E
RUÍNAS DA DECADÊNCIA DOS ROMANOS. TUDO
PASSA 1873.

O monte do Castro, que fica a nascente desta freguesia, é um íngreme cabeça dos montes de Fragoso, aos quais nos referimos naquela freguesia, e cá de baixo tão alto nos pareceu que receamos não ter pernas que nos levassem lá acima.

Não examinamos, pois, *de visu* os indícios e ruínas a que se refere a inscrição.

Nesse monte, porém, onde o mosteiro possuía grandes terrenos, informam-nos que alguns vestígios de povoação antiga ainda existem e o seu próprio nome o está a atestar.